

Acordo pode sair até dezembro

Mesmo com um acordo parcial até dezembro, Milliet julga que um acerto definitivo só ocorrerá em dois anos.

Não está afastada a hipótese de o Brasil firmar um acordo parcial com seus credores estrangeiros até o final deste ano. O prazo é curto, reconheceu ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, ao desembarcar pela manhã no aeroporto de Cumbica. Mas para ele, a reunião da última sexta-feira, em Nova York, com o comitê dos bancos credores, serviu para demonstrar que houve uma mudança no tom e que os banqueiros estão interessados numa solução rápida, ainda que provisória.

Um acerto definitivo para a questão dívida externa, na sua opinião, só será obtido em dois anos, depois de avaliadas as reais possibilidades do Brasil e depois de uma retomada do desenvolvimento econômico. Os banqueiros mostram estar conscientes de que sem crescimento não existem condições para uma transferência maior de recursos para o Exterior e que esse crescimento só

se dará através do incremento dos investimentos."

Os bancos privados só não desejam ser os únicos a financiar esse desenvolvimento, reivindicando uma participação equilibrada dos governos que integram o Clube de Paris. O raciocínio dos banqueiros, na visão de Milliet, é que, com a moratória decretada pelo Brasil, passaram a ser eles os únicos financiadores do Brasil, uma vez que os bancos de fomento estatais não repassaram recursos ao Brasil durante todo o ano e ainda receberam os juros da dívida. "Eles não desejam que a situação criada neste ano se repita no próximo. Nós também não desejamos."

A condição imposta para que as bases das negociações sejam as estabelecidas pelo mercado não surpreendeu a equipe brasileira. "Nunca pedimos taxas diferentes das que vigoram no mercado financeiro inter-



Newton Aguiar 3/10/87

Para Milliet, banqueiros querem solução rápida

nacional. O importante é que as regras de pagamento do serviço da dívida estejam incluídas num contexto maior, que está na proposta brasileira e prevê, entre outras, a securitização (transformação em títulos) de parte da dívida para que possamos transferir esse ônus para o futuro."

RECURSOS

O próximo passo será descobrir qual o volume de recursos que o País necessita nos próximos anos e quanto o Clube de Paris aceita financiar, para depois se voltar a conversar com os banqueiros privados. A idéia da realização de um pagamento simbólico aos bancos estrangeiros não está afastada, nem tampouco o acordo com o Fundo Monetário Internacional. Isso porém irá depender do andamento nas negociações durante este mês que, na opinião de Milliet, serão intensas, mas, tudo indica, corais.

O maior progresso, segundo ele, foi o reconhecimento de que a proposta brasileira é construtiva. E isso, segundo Milliet, só ocorreu nos últimos dias, depois que o comitê dos bancos credores absorveu o impacto inicial causado, para ele sem razão, pelo conteúdo da proposta brasileira.

O presidente do Banco Central disse que a experiência vivida no passado indica que é difícil se chegar a um acordo em prazo inferior a seis meses. Mas essa mesma experiência mostra que negociações em bases convencionais resultam em frustração. Por isso, prefere apostar num acordo parcial em curto prazo, apenas para normalizar o fluxo de recursos com o Exterior. A partir de então, será iniciada uma negociação mais ampla, quando serão estabelecidas as regras definitivas para o pagamento da dívida.